

A PRODUÇÃO ESPACIAL E O CIRCUITO PRODUTIVO DO BORDADO EM SAPUPARA, MARANGUAPE – CE

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações sócio-espaciais existentes entre as bordadeiras no distrito de Sapupara, Maranguape-CE. Considerando a definição de espaço como um sistema de fixos e fluxos, trabalhou-se a relação das bordadeiras pertencentes a “Indústria do bordado sapuparense” com a construção do espaço local e como estas relações se encontram para a composição das relações entre trabalho e produção no espaço global. O trabalho traz em sua discussão relações dicotômicas, entre os ideais conceituais de indústria e artesanato, artesão e subcontratação, ou terceirização, inserção da mulher no mercado de produção de bens, formalidade e informalidade, necessários à compreensão do modelo de desenvolvimento capitalista atrelado a realidade abordada. Serão abordados aspectos históricos do bordado e do Município de Maranguape, a valorização deste produto como símbolo atrativo do turismo cearense. Incluem-se também nesse contexto os aspectos legislativos do bordado no contexto da formalidade da informalidade.

Palavras-chave: Indústria. Espaço. Circuito Produtivo. Bordado.

ABSTRACT

This study aims to analyze existing socio-spatial relationships between the embroiderers in Sapupara district Maranguape-CE. Considering the definition of space as a system of fixed and flows, worked up a list of embroiderers belonging to "Industry embroidery sapuparense" with the construction of local space and how these relationships are for the composition of relations between labor and production in global space. The work brings in his discussion dichotomous relationship between industry conceptual ideals and crafts, artisan and subcontracting or outsourcing, integration of women in the market production of goods, formality and informality, necessary to understand the capitalist development model tied to reality addressed. It will be discuss historical aspects of embroidery and the Municipality of Maranguape, the valuation of this product as attractive symbol of Ceará tourism. Also included in this context the legislative aspects of embroidery in the context of the informality and formality.

Keywords: Industry. Space. Productive circuit. Embroidery.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar las relaciones socioespaciales entre las bordadoras en el distrito de Sapupara, Maranguape-CE. Tomando en cuenta la definición como un espacio de fijos y flujos, se ha trabajado la relación de las bordadoras pertenecientes a la “industria del bordado sapuparense” con la construcción del espacio local y como estas relaciones se encuentran para la composición de las relaciones entre trabajo y producción en el espacio global. El trabajo trae en su discusión relaciones dicotómicas, entre los ideales conceptuales de industria y artesanado, artesano y subcontratación, o tercerización, inserción de la mujer en el mercado de producción de bienes, formalidad e informalidad, necesarios a la comprensión del modelo de desarrollo capitalista junto a la realidad trabajada. Serán trabajados aspectos históricos del bordado e de la municipalidad de Maranguape, la valorización de este producto como símbolo atrativo del turismo cearense. Se están inclusos también en este contexto los aspectos legislativos del bordado en el contexto de la formalidad y de la informalidad.

Palabras-clave: Industria. Espacio. Circuito Productivo. Bordado.

JACQUICILANE HONORIO DE AGUIAR, jacquicilane@gmail.com,
Universidade Federal do Ceará,
Licenciada em Geografia.

BHEATRIZ ALVES DE PAIVA OLIVEIRA,
bheatrizalves.po@gmail.com,
Universidade Federal do Ceará,
Licenciada em Geografia

INTRODUÇÃO

As técnicas representam, segundo Santos (1985), fios condutores do desenvolvimento da humanidade. Nesse sentido, ao tratar das técnicas vigentes em nosso sistema de acumulação capitalista, faz-se necessário uma reflexão sobre os conceitos que envolvem a dimensão do trabalho e do trabalhador na sociedade.

Quando realizamos uma análise histórica das formas de produção desde o início do percurso humano da terra, encontramos como primeira técnica utilizada o artesanato, uma das atividades mais antigas da humanidade, com utilização de ferramentas rudimentares, como pontas de flecha, facas, cuias, passando até pela invenção da roda, onde o homem facilitou o transporte de cargas. O SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresa) define artesanato como “Toda atividade produtiva de objetos e artefatos realizados manualmente, ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, apuro técnico, engenho e arte pode ser chamada de artesanato.”

A técnica do artesanato continua sendo utilizada e possui seu valor de comércio extremamente valorizado, variando de acordo com a matéria prima, o trabalho manual, a técnica e principalmente a raridade, como em trabalhos indígenas, quilombola e pesqueira.

A definição a ser usada de artesão vem do Estatuto do Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal de Portugal. Segundo a definição, “artesão é o trabalhador que exerce uma atividade artesanal, por conta própria ou por conta de outrem, inserido em unidade produtiva artesanal reconhecida, ao qual se exige: domínio dos saberes e técnicas inerentes à atividade em causa e apurado sentido estético e perícia manual.”

O SEBRAE divide as atividades artesanais em arte popular, artesanato, trabalhos manuais, produtos alimentícios, produtos semi-industriais e industriais (industriano/suvenir), artesanato indígena, artesanato tradicional, artesanato de referência cultural e artesanato conceitual.

A presente pesquisa tem o artesanato inserido na categoria de produtos semi-industriais que se configuram em produção em grande escala, em série, com utilização de moldes e formas, máquinas e equipamentos de reprodução, com pessoas envolvidas e conhecedoras apenas de partes do processo. No contexto atual, vivenciado pela prática valorizada do turismo, com a valorização dos lugares e do local, o artesanato adquire status de protagonista com os suvenires, comprados geralmente para presentear.

Os suvenires são objetos produzidos com foco no mercado turístico, que expressam identidade cultural, comunicam conceitos e busca qualidade e funcionalidade das peças. É o artesanato tradicional que tem como características a formação de conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo, representativo de suas tradições, porém incorporados à sua vida cotidiana. Sua produção é, em geral, de origem familiar ou de pequenos grupos vizinhos, o que possibilita e favorece a transferência de conhecimentos sobre técnicas, processos e desenhos originais. Sua importância e seu valor cultural decorrem do fato de ser depositária de um passado, de acompanhar histórias transmitidas de geração em geração, de fazer parte integrante e indissociável dos usos e costumes de um determinado grupo.

A manufatura resultou da ampliação do consumo, que levou o artesão a aumentar a produção e o comerciante a dedicar-se à produção industrial. O fabricante distribuía a matéria-prima e o artesão trabalhava em casa, recebendo pagamento combinado. Esse comerciante passou a produzir. Primeiro, contratou artesãos para dar acabamento aos tecidos; depois, tingir; e tecer; e finalmente fiar. Surgiram fábricas, com assalariados, sem controle sobre o produto de seu trabalho. A produtividade aumentou por causa da divisão social, isto é, cada trabalhador realizava uma etapa da produção.

A manufatura se baseia numa evolução contínua das técnicas artesanais para a reprodução de produtos em grandes quantidades. O desenvolvimento da sociedade fez com

que houvesse a necessidade do beneficiamento da técnica, diferente de hoje, tudo era feito artesanalmente, até as coisas mais necessárias, então surgiu um campo aberto para essa nova forma de produção. Foi difundida junto com as fábricas pelo mundo no início da revolução industrial.

Os meios de produção que ficaram conhecidos na primeira e na segunda revolução industrial eram fundamentalmente manufatureiras, já que, apesar do grande número de maquinário, ainda se fazia necessário o trabalho do homem para a alimentação das máquinas e para diversas outras coisas, surgindo assim a divisão social do trabalho. Surge aqui a figura do trabalhador fabril.

A partir da Revolução Industrial a força de trabalho do homem se concentrou nas fábricas. Nesse momento as cidades passam a possuir a maior parte da população, população essa que antes se concentrava nos campos. Agora encontramos mão de obra barata e desqualificada nas cidades servindo assim ao interesse do capital. O Fordismo surgiu com a produção automotiva. Henry Ford, baseado nas ideias de Taylor, cria o fordismo em 1914. Corrente que rege modo de produção fabril de suas indústrias de carros. Ford decide dividir o processo produtivo em diversas mãos para aumentar a produtividade. O principal objetivo do empresário era produzir em quantidades altíssimas para difundir o consumo de carros nos Estados Unidos. Segundo ele todo norte americano deveria ter um automóvel. Ele estabeleceu então um dia com carga horária menor e deu uma remuneração que no momento parecia justa.

Os principais problemas do Fordismo apareceram quando a produção passou a ser maior que o mercado, ficando Ford, sem um consumidor. Outro problema se verificava nos trabalhadores que se localizavam em uma parte de uma esteira e realizam a mesma função repetidamente, chegando a nunca conhecer o processo completo de produção dos produtos que estavam a construir.

Segundo Harvey (1994), o propósito do dia de oito horas e cinco dólares só em parte era obrigar o trabalhador a adquirir a disciplina necessária à operação do sistema de linha de montagem de alta produtividade. Era também dar aos trabalhadores renda e tempo de lazer suficientes para que consumissem os produtos produzidos em massa que as corporações estavam por fabricar em quantidades cada vez maiores.

A ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL E A PRODUÇÃO DO ARTESANATO

No decorrer da década de 1970, tanto o capitalismo quanto o socialismo demonstraram-se incapazes de sustentar a ordem vigente. Conforme Leite (1997), descreve, houve uma forte retração de mercado, comprometendo a sustentação do modelo de produção em massa e a rigidez do fordismo. Um dos elementos desencadeadores foi à crise do petróleo que abalou o custo energético da produção. Sobre as dificuldades apresentadas pelo fordismo em decorrência da rigidez do mesmo, Harvey (1994), afirma que:

“Havia problemas com a rigidez dos investimentos de capital fixo de larga escala e de longo prazo em sistemas de produção em massa que impediam muita flexibilidade de planejamento e presumiam crescimento estável em mercados de consumo invariantes. Havia problemas de rigidez nos mercados, na alocação e nos contratos de trabalho.”

Harvey (1994), afirma que a acumulação flexível se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. O mesmo afirma ainda que:

“A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo,

um vasto movimento no emprego chamado “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas. (...) Ela também envolve um novo movimento que chamarei de compressão do espaço - tempo no mundo capitalista - os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitaram, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte possibilitaram cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variado”. (Harvey, 1994).

Conforme Mattoso (1996), a transição do fordismo para o modelo de acumulação flexível causou sensíveis transformações no mercado de trabalho como a subcontratação organizada e o surgimento de pequenos negócios. Isto implicou na volta de antigos sistemas de trabalho artesanal, doméstico e familiar que, embora reconfigurados passam a atuar como partes importantes do sistema produtivo.

Sobre a terceirização e subcontratação Mattos (2008), afirma que a terceirização se coloca como alternativa para as empresas concentrarem sua gestão e seus investimentos nos processos que são diretamente relacionados ao seu produto final, transferindo apenas o que não faz parte de sua competência essencial para empresas especializadas nessa competência ou serviço.

Na subcontratação, a empresa contratante transfere para terceiros grande parte ou, por vezes, todo o processo que faz parte da sua atividade-fim (BOUNFÍGLIO et al., 1999; CARLEIAL, 1997; FINEP, 2004). Embora na terceirização também sejam identificadas reduções salariais para os trabalhadores, na subcontratação é patente a perda de diversos direitos trabalhistas em razão do vínculo de trabalho ser predominantemente informal.

Especificamente sobre o artesanato, Canclini (1983), ao considerar a posição dessa produção no contexto das tensões imanentes ao processo de estruturação das formas modernas de produção e trabalho, afirma que apesar do surgimento das manufaturas e posteriormente das fábricas, os artesãos persistiram e persistem desenvolvendo atividades manuais marginais em relação à produção industrial, mas não fora da lógica do sistema capitalista e muito menos de maneira depreciativa. Para ela, a produção artesanal na contemporaneidade é uma “necessidade do capitalismo”, pois assim como os outros tipos de manifestações populares, ela desempenha funções na reprodução social e na divisão do trabalho atuando de maneiras diferentes dentro do sistema.

De acordo com a autora, “as peças de artesanato podem colaborar para a revitalização do consumo, por introduzirem na produção industrial e urbana, a um custo muito baixo, desenhos originais e o diferencial simbólico” e por remeterem a modos de vida mais simples, evocando uma natureza nostálgica nativa e indígena que não pertence ao cenário urbano e cosmopolita (CANCLINI, 1983, p. 65).

Neste sentido, Silva (2009), afirma que se tem que o trabalho artesanal se reproduz em meio às transformações da sociedade industrial e, por isso, não pode ser estudada de forma marginal e isolada, mas como um fenômeno histórico, cultural e socioeconômico integrado que engloba todas as dimensões sociais. Dessa forma, pode-se perceber a presença de diversos fatores que, entrelaçados, se mostram como forças motrizes que correspondem a uma mesma lógica, a da permanência equilibrada do atual sistema de mercado.

O artesanato terá duas faces que compõem uma dualidade dentro do sistema capitalista, onde o mesmo encaixa-se como elemento componente do patrimônio cultural, incorporado ao conjunto de monumentos, documentos e objetos que constituem a memória coletiva de um povo e, portanto, deve ser considerado do ponto de vista social e cultural. Por outro lado, o artesanato também possui características que atendem aos interesses da sociedade de consumo, como o valor estético e o simbólico; dessa forma, seu potencial econômico é crucial para o acirramento das discussões. (SILVA, 2009). Desta forma, deve-se considerar que não se pode pensar no simbolismo do artesanato apenas sob um aspecto.

CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MARANGUAPE

O município de Maranguape está a uma distância de 30 km da capital cearense, localizado na microrregião de Fortaleza. Segundo dados do IBGE (senso 2010), possui uma população de População 113.561, área total de 590,873 Km² e densidade demográfica de 192,19 hab./Km².

Sobre o contexto histórico do município, o SEBRAE afirma que:

“Em tupi-guarani, Maranguape significa “Vale da atalha”. Deriva de Maranguab, o Sabedor da Guerra, cacique dos índios potiguaras. Em bom português, quer dizer uma região circundada de sítios e chácaras e que guarda ainda muitas lembranças de um passado de riqueza e ostentação e seus casarões de azulejos portugueses. A influência portuguesa trouxe, dentre outras coisas, o bordado. Tecido nas mãos, linhas sobre o colo, a cidade vai bordando o seu dia-a-dia. Reproduzindo pano verde da Serra de Maranguape a linha da vida de seus moradores. Suas bordadeiras aprimoram velhos desenhos, inventam novas técnicas e fazem um trabalho reconhecido nacional e internacionalmente. Rico, sofisticado e, sobretudo versátil, o bordado de Maranguape enfeita toalhas, caminhos de mesa, colchas e cortinas, conferindo a cada peça a nobreza e a majestade originais. O município cresceu vendo suas mulheres bordarem a vida enquanto os homens tingiam os bordados. Maranguape é, hoje, a terra do bordado. O seu destino já estava traçado (SEBRAE, 2003, p. 04)”.

Assim, fica em evidencia o quão o artesanato do tipo bordado possui uma grande representatividade na região. O bordado, em outros tempos, era uma prática comum em muitas famílias interioranas. Porém, em função das secas e da falta de estrutura para convivência, muitas famílias precisaram se deslocar para a cidade de Fortaleza em busca de melhores condições de vida. As tradições do bordado foram sendo esquecidas por muitos, em detrimento do modo de vida urbano. Maranguape e Itapagé representam hoje um pólo de produção do bordado cearense, com tradições de longa data, devido às boas condições geográficas para sobrevivência e desenvolvimento do bordado. Foram nesse sentido, por conta de suas serras e serrotes e seus leitos de rios, áreas de sobrevivência da tradição do bordado no território cearense.

O distrito de Sapupara, localizada a 9km da sede municipal, evidentemente não deixou de receber esta influencia tão forte do bordado na região, sendo hoje um dos principais pólos de produção do município.

O BORDADO RICHELIEU

O bordado trabalhado em Maranguape tem em seus principais representantes a figura do Richelieu, o qual, segundo Lody (2003b) *apud* FERREIRA (2009):

“Surgiu na Europa do século XV, como um tipo de bordado intermediário entre o bordado tradicional e a renda, que somente apareceria tempos depois. Relacionado diretamente ao emprego do bordado às roupas brancas, de uso feminino, esse tipo de bordado intermediário distingui-se por sua técnica, realizada com pontos cortados – os picotes – aplicados sobre um fundo de tecido aberto, no qual os fios foram sendo delicadamente retirados até formarem verdadeiros vazios entre os motivos, dando assim maior relevo às bridas. A denominação richelieu originou-se na França entre 1624 e 1642, pelo “[...] uso freqüente nos paramentos de Armanol-Jean du Plessis, cardeal e duque de Richelieu.” (FERREIRA, p. 2).

Esse tipo de bordado, mesmo estando originalmente associado ao branco e a figura feminina, tem se transformado ao longo do tempo em decorrência das mudanças no padrão de mercado, sendo confeccionado em outras cores e modelos. Além disso, o uso tem sido distribuído de diferentes formas, em toalhas de mesa, enxovais, cochas, etc., com um custo de

mercado bastante considerável, e modelos que obedecem a um padrão de qualidade que visam a perfeição e excelência.

O ESTUDO DE CASO DA PRODUÇÃO DE RICHELIEU EM MARANGUAPE

Para atingir os objetivos propostos na pesquisa desenvolvida foi delimitado, inicialmente, o tipo de produção a ser abordada. Entre a escolha dos objetos e sujeitos pesquisados, foram visitados em campo os seguintes empreendimentos:

1. Banana Nanica Indústria de Confeções ME (Indústria de confeções de inúmeros produtos, com atrativo no bordado, exposta no plano da formalidade imbricado em nosso trabalho na visita ao prédio da empresa, e, o plano da informalidade com visitas aos confeccionadores de parte da produção, em área externa a empresa.).
2. Dona Maria do Carmo (Bordadeira a mais de 60 anos, a qual terceiriza parte do processo produtivo; e Dona Jucineide, uma das 24 bordadeiras terceirizadas hoje pela Dona Maria.).
3. Senhoras: Selma, Maria e Célia. (Bordadeiras mais jovens, independentes e informais que buscam o mesmo reconhecimento e sucesso dos dois casos acima.).

Considerando a definição de espaço como um sistema de fixos e fluxos proposto por Santos (1988), foi trabalhada a relação destas bordadeiras que constituem a “Indústria do bordado sapuparense” com a construção do espaço local e como estas relações se encontram, do ponto de vista da contribuição das mesmas, para a composição da atual trama das relações entre trabalho, produção no espaço global.

A classificação dos objetos pesquisados em categoria diferentes considerou para tal as diferenças de estruturação das condições de trabalho ao longo do processo produtivo, nicho de bordadeiras, reconhecimento dos compradores e nichos de mercado, e do processo produtivo, inerente a substancialmente a todas, mas com graus de requinte diferenciados.

SETOR 1: BANANA NANICA INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES ME

Este setor visitado é caracterizado pela empresa Banana Nanica Indústria de confeções ME. A empresa conta com 20 funcionários dentro da fábrica, e fora da fábrica de maneira informal 8 bordadeiras (mapa 1, em Anexo) e 3 confeccionistas de portas guardanapo, produtos também vinculados a empresa.

Quanto as funções exercidas na fábrica, alguns funcionários, como por exemplo, as bordadeiras, tem sua atividade bem delimitada e fixa, enquanto outras formas de trabalho cobram daqueles que eles exercem, um domínio maior de outras atividades. Nesta fábrica, a filosofia pairante é que “Nenhum funcionário pode ficar sem ter o que fazer, basta procurar que se acha trabalho.”.

Quanto os funcionários não vinculados diretamente a fábrica, temos a presença de 5 bordadeiras que não freqüentam diariamente a confecção. Encontram-se nessa condição “de conforto” pois são conhecidas dos empregadores, e a confiança destes com aquelas é fundamental para o cumprimento de metas e regras propostas para a execução do bordado. Estas apenas produzem jogos americanos e guardanapos, e esta escolha está vinculado justamente a preocupação da empresa em pagar valores semelhantes aqueles concedidos as bordadeiras e maior parte dos funcionários da fábrica.

O que difere estas dos demais funcionários fabris serão apenas os direitos trabalhistas. Sobre os confeccionistas de porta guardanapo, encontramos uma típica característica dos pequenos negócios, onde a família em algum momento participa coletivamente de parte da produção. Dos 26 empregados do circuito produtivo: apenas 3 são homens (1 trabalha bordando, outro engomando, e um (informal) cortando os tubos de papelão). Confirma-se aí a predominância de mão de obra feminina nesse setor.

No início do funcionamento da empresa, há 30 anos, a empresa chegou a possuir 100 funcionários. Isso, porém nos incita dizer que o percentual daquilo que era produzido com o que hoje se produz diminuiu pouco. O número de funcionários, em comparação do passado com o presente, não indica uma redução brusca da produção, mas uma adaptação às novas estratégias de mercado. Estratégias estas verificadas nos mais diferentes motivos e razões para a saída dos funcionários.

O destino da produção encontra-se localizado principalmente no estado de São Paulo (40%) e Brasília (40%), o que indica a importância dada ao artesanato comercial nestas áreas, e a participação do Sudeste e do Distrito Federal no consumo. A porcentagem remanescente espalha-se pelas cidades de Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro, Maceió e Fortaleza, que juntas representam 20%. As vendas são realizadas principalmente a pessoas físicas vinculadas a Buffets de festa, que procuram produtos únicos para festas de casamento, noivado, aniversário e comemorações durante o ano.

A matéria prima é comprada em Fortaleza, o que reforça o reforço da metrópole sobre os inúmeros nichos de mercado existente em sua complexidade. Tratamos assim da macrocefalia urbana, uma condição básica em nossas sociedades metropolitanas, setorializadas e funcionalizadas de acordo com suas “vocações próprias”. A empresa conta com convenio financeiro com as seguintes empresas: no setor de tecidos: Trama tecidos e Casa Blanca, cada uma com 50% do que é comprado; no setor de aviamentos: Casas Fátima. Os detalhes florais são encomendados em grandes quantidades e tem sua produção realizada na China. As embalagens plásticas são feitas no interior da indústria, e não são complexos e não tão elaborados, diferentemente de mercados como o nosso em que o embrulho é parte importante do produto. O que justifica esta escolha é o fato de que o que está no interior do embrulho é o que mais vale, o que de fato é.

A maior produção da empresa encontra-se entre os meses de agosto a dezembro. De agosto por que se haver acúmulo de produção para os meses posteriores, mesmo com horas extras, a empresa não consegue dar conta dos pedidos, que por sua vez estão mais vinculados as festividades de fim de ano, e o número de casamentos que aumenta nesse período. É a partir desse período que se inicia anualmente as horas extra no ambiente firmal, onde as funcionárias ficam até 4 horas além das 9h diárias para dar conta dos pedidos.

Hoje como a empresa conta com um número “ideal” de funcionários, e a gerente informa que seria complicado aceitar sem repor a saída de algum funcionário. Assim, a procura por funcionários para a empresa gira em torno da experiência naquela atividade realizada, sendo então o pré-requisito básico para assumir uma vaga.

SETOR 2: FABRICANTE INFORMAL MARIA DO CARMO BEZERRA

Dona Maria do Carmo é a mais conhecida entre as bordadeiras de Maranguape atraindo pessoas de todo o país e até compradores do exterior. Ela possui como ajudante principal a sua nora, Nívea Maria Neves. Maria do Carmo tem o serviço terceirizado de 23 bordadeiras espalhadas por alguns bairros de Maranguape (Mapa 1, em anexo). Além das bordadeiras, ainda existem 02 engomadeiras e 01 lavadeira e ficam dentro do ateliê, em sua casa. Dentre esse quadro de pessoas envolvidas no processo produtivo não há demissões, cada um só sai caso queira. Os únicos critérios para contratação é o querer e saber bordar.

Tipicamente informal é como as características expostas por Harvey (1994) quanto as associações de cunho de vizinhanças e familiares. A procura por emprego sempre parte das bordadeiras, segundo Maria do Carmo. É parte fundamental para a quantidade de vendas a terceirização da produção.

Não existe um controle sobre para onde são vendidas as peças. Quanto às vendas, a articuladora do negócio é bem clara ao afirmar que a maioria de sua produção é vendida para

a elite Fortalezense e turistas de outros estados brasileiros, principalmente Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Maranhão.

Essa procura impressionante pelos produtos de Dona Maria do Carmo é o fato de ela ser simplesmente a estrela do Richelieu de Maranguape. A quantidade de entrevistas dadas a jornais e revistas é considerável. Seu trabalho é muito conhecido por seu diferencial, a qualidade absoluta. Num contexto em que a cultura local também se insere no compromisso capitalista, nada mais associativo a este fato que estes produtos ocupem grande espaço nos contingentes de exportação.

As vendas são diretas em sua maioria. Mas também há presença de lojas que pedem para D. Maria do Carmo produzir para sua marca como, por exemplo, a loja virtual Rosa Esté. O importante é que ela nunca, em nenhum momento sai de sua casa para vender a sua produção muito menos dá o direito de escolha de cores ou desenhos para os seus compradores.

A localização do Ateliê de D. Maria do Carmo é um fator determinante para a dispersão de mercadorias, pois este fica próximo à rodovia estadual CE-065, via direta de acesso dos compradores vindos de Fortaleza. Para as bordadeiras não há a necessidade diária de locomoção, elas trabalham em casa. O único deslocamento até o ateliê é feito no sábado para a prestação de contas do que foi produzido.

Não há mudança do trabalho humano por máquinas. Há muito que o processo de criação das peças não sofrem grandes mudança substanciais, como aquelas vinculadas as primeiras máquinas, muito antigas, que chegaram para ampliar o potencial de confecção de produtos das bordadeiras. O que se transformou muito foi o requinte despendido na produção. Existe hoje preocupação com a originalidade sem perda da tradição dos desenhos, na higienização e nas matérias primas utilizadas.

SETOR 3: FABRICANTES INFORMAIS EM BUSCA DE RECONHECIMENTO

SELMA ARAÚJO

Esta inicia e finaliza sua produção sozinha. Iniciar e finalizar significa fazer todas as etapas exceto o cordado. Suas bordadeiras estão em Campos Belos (5); Palmácia (3); e Tanques (10). Quando perguntada sobre como consegue contatar com estas bordadeiras, a entrevistada responde que são outras bordadeiras conhecidas que indicam. Nesse caso específico é defensável que exista um nicho de bordadeiras maranguapenses para patroas mais antigas no sentido do trabalho.

Selma trabalha com este ramo há apenas 8 anos. Esta teve que buscar noutros municípios a sua mão de obra por motivos vários. Dentre eles, demora (pouca logística da empregadora) na entrega e o não desespero por parte das bordadeiras pela busca da produção e conseqüentemente o pagamento, pois elas não costumam apenas para Selma.

Quanto a venda da produção, tudo é repassado para um lojista da ENCETUR. As entregas são realizadas em dias de segunda ou sábado. Não há etiquetas que identifiquem o produto e os preços das peças são variantes. Irá depender do preço dos produtos e da mão de obra. Ela mesmo calcula os valores. A compra de tecidos é feita no Armazém Ceará, e os aviamentos (linhas) nas Casas Fátima.

Por ser uma empreendedora informal sem muita experiência no ramo da logística nos processos produtivos, a sua produção fica restrita ao ritmo de trabalho da bordadeiras, que não atuam com muita pressão, e de acordo com as necessidades para a manutenção da casa e dos filhas. Essa despreocupação é fruto da pouca experiência empreendedora. Quanto a composição de costureiras encontramos aí uma característica que as diferencia dos dois primeiros exemplos apresentados, as costureiras não exclusivas. Isso significa dizer que estas costumam para outros solicitantes.

MARIA LUIZA PEREIRA DOS SANTOS

Trabalha no ramo do bordado há mais de 20 anos, desde quando trabalhava na empresa Banana Nanica. Saiu há três anos para viver do bordado por conta própria. Segundo a mesma, o ofício no antigo emprego lhe rendia muito desaforamento.

Era e ainda é bordadeira, detentora os artifícios envolvidos na produção de bordados. Da mesma forma que Selma, inicia e finaliza o processo em sua própria residência. A mesma também terceiriza a produção deslocando os trabalhos para cinco bordadeiras: 4 do distrito de Umarizeiras e 1 de Tabatinga. O preço do bordado é medido por hora, custando por volta de R\$ 3. Os pedidos são feitos por lojistas do Mercado Central e da ENCETUR.

A bordadeira se desloca para Fortaleza para a venda da produção e a compra de tecidos de 15 em 15 dias. A fábrica de tecidos onde a mesma faz as compras está localizado próximo a Catedral da Sé.

CÉLIA ARAÚJO

Trabalha no ramo há 22 anos no bordado. Trabalhou com a dona Maria do Carmo, aprendeu todo o processo com ela. Trabalhou alguns meses numa fábrica de sapatos em Maranguape por sete meses, até ver que tal situação não era suficiente. Chegou a participar de uma cooperativa na Sede, mas saiu por conta das disputas existentes entre a construção do desenho das peças e a venda da produção.

A mesma trabalha por encomenda e de acordo com os pedidos que são feitos, é comprado os materiais necessários. Estes são comprados em sua maioria nas lojas Catedral tecidos e no Armazém Ceará (Major Facundo), com atacado.

A mesma além de bordar, realizar todo o processo produtivo conta com uma bordadeira terceirizada (no distrito de Penedo) e uma ajudante que faz todas as atividades menos a de bordado. Uma hora de trabalho no bordado é pago por RS 3 em média.

Sobre a distribuição da produção, ela está mais vinculada ao mercado local para as lojas de venda de produtos turísticos na ENCETUR, Loja Mão de Fada, Priscila Maria, Artes e bordados (Lucilene) e Sofia Art's; e no Mercado Central, para Baiúca e Ivonete. Também distribui em pontos elitizados da cidade, como por exemplo na Avenida Monsenhor Tabosa para a Loja Mão de Fada.

REFLEXÕES DO CIRCUITO PRODUTIVO

A descrição dos empreendimentos visitados demonstra a diversidade das relações comerciais, produtivas e criativas dos diferentes agentes do bordado Maranguapense. É possível perceber a importância do bordado, reforçado por Silva (2009), quando esta fala do contexto de mudanças econômicas do mercado global e a conseqüente inclusão do artesanato como produto de mercado, porém com traços essenciais de sua existência, exposto nos vínculos com os modos de vida de seus artesãos, a tradição e a beleza do fazer a mão nela implícita.

Formas múltiplas de contratação, como as terceirizações e as subcontratações, são fenômenos típicos da logística de mercado hoje vigente, galgada na flexibilização do trabalho, na setorização e especialização cada vez maior das funções exercidas, e das cobranças sobre trabalhadores não detentores de habilidades não mágicas, aquelas que poucos conseguem elaborar, e que por esse motivo, permanecem ainda muito valorizados. Trata-se do estabelecimento das estratégias de oferta e procura no mercado do trabalhar do século XXI.

Vemos assim, uma apropriação da economia capitalista sobre os moldes do trabalho doméstico, onde não é apenas o ambiente fabril a localização ideal para o “real trabalho”. O ambiente doméstico não precisa mais ser distanciado do local de trabalho como um vilão da produção. Ele hoje representa o sistema produtivo, seus moldes incertos efetivamente dentro da casa da família.

A mulher, nesse contexto, torna-se o foco. O trabalho passa a se confundir com a responsabilidade doméstica. E ainda não tão expressivo, mas com fortes possibilidades de estabelecimento, encontraremos uma responsabilidade cada vez mais evidente destes trabalhadores no processo produtivo, pois mais do que nunca estes encontram-se incluídos na ideologia capitalista.

“A transição do fordismo para o modelo de acumulação flexível causou sensíveis transformações no mercado de trabalho como a subcontratação organizada e o surgimento de pequenos negócios. Consequentemente, isto implicou na volta de antigos sistemas de trabalho artesanal, doméstico e familiar que, embora reconfigurados, passam a atuar como partes importantes do sistema produtivo, fazendo com que o trabalho em casa seja o ‘mais flexível dos flexitempos’ (SENNET, 2006, p. 68). (...) a sensação de liberdade com esta nova tendência de trabalho em casa é enganosa, pois enquanto o trabalho é fisicamente mais descentralizado, o controle sobre o trabalhador se torna mais direto.” (SILVA, p. 93-94, 2009).

Esse conjunto de mudanças altera significativamente os modos de vida, e consequentemente, a configuração espacial local, ligadas diretamente a condição global, expressas no aumento do consumo, na frequência de pequenas reformas nas residências, no aumento da quantidade de pequenas confecções e dos preços dos aluguéis de imóveis, nas casas construídas em espaços não povoados, aumento da quantidade de mercadinhos etc.

O gênero de confecção permanece hoje empregando grande parte da mão de obra ocupada no estado. Não apenas no âmbito institucionalizado e industrial como exposto por Amora (2007), mas também em um número cada vez maior de negócios informais de cunho familiar. Segundo a mesma, este tipo de atividade no estado remonta ao primeiro período de industrialização, onde os principais fatores de alocação se encontravam na abundância da matéria-prima, predominantemente o couro e o algodão no caso cearense. Sobre as mesmas condições, como fatores influenciadores nas povoações humanas, Santos e Silveira (2002), também afirmam que:

“As condições naturais eram quase diretamente solicitadas a fornecer respostas a uma ação humana que buscava refletir demandas locais e forâneas, utilizando-se das facilidades oferecidas pela própria natureza (relevo, vegetação, hidrografia, solos etc.) e criando, como função do tipo de produção reclamado, áreas de densidade ou de rarefação.” (SANTOS E SILVEIRA, p. 250, 2002).

Se muitas fábricas fecharam em função da concorrência de matéria-prima abundante dos produtos industrializados vindos de outros estados do Brasil, como afirma Amora (2007), no plano da informalidade e na microempresa, como aqueles pesquisados, encontramos uma manutenção adaptada de práticas antigas num mercado globalizado, sendo, com o passar dos anos, cada vez mais valorizada e com representatividade potencial a ponto de servir como um dos símbolos da cultura do estado do Ceará.

O artesanato, no contexto de inserção do capital, adquirirá características predominantemente mercadológicas sem perder, no entanto a sua ligação com o simbólico e o local. A produção do artesanato pode ser questionada em virtude do crescimento acelerado da industrialização. Para alguns autores as características do mesmo vêm sofrendo, ao longo do tempo, alterações na sua apresentação em virtude da concorrência com produtos industrializados. Porém, convém ressaltar que o artesanato pode se tornar competitivo em

relação ao similar industrializado por apresentar personalização de suas peças, bem como aspectos artísticos e culturais intrínsecos a sua concepção e produção. (FILGUEIRAS, CARVALHO e CASIMIRO FILHO, p. 1).

Quanto à administração e a comercialização, é possível perceber que ainda podemos encontrar uma diferença entre o contexto da formalidade, representado pela microempresa pesquisada, e da informalidade, composto pelas bordadeiras independentes, onde são diversas as maneiras de administração da produção e de comercialização, não havendo, por exemplo, uma preocupação com prazos dados as bordadeiras terceirizadas, nem com o dia de entrega ao comerciante comprador da produção. Diferentemente, na ME encontramos uma preocupação com a prazos de confecção da produção, e principalmente um trabalho diferenciado com o nicho de vendas para compradores de outros estados do Brasil, com prazos de entrega e verificação da qualidade do produto de acordo como solicitado.

Neste sentido, concordamos com Pereira (1979) quando este afirma que:

Devido à coexistência do processo de industrialização e da evolução tecnológica, o artesanato tende a sofisticar-se em alguns casos, (...) Nesta perspectiva, o artesanato tende a guardar as características essenciais dos elementos produzidos, mas com a introdução de algumas inovações. Mantendo suas qualidades tradicionais, o produto continuará sendo absorvido pela comunidade que o produz mas, ao mesmo tempo, as inovações serão válidas se modificarem de forma positiva a atrair mais clientes e, conseqüentemente mais venda sem perder a identidade. (PEREIRA (1979) apud FILGUEIRAS, CARVALHO e CASIMIRO FILHO, p. 4).

Vivenciamos assim, um conglomerado vibrante dos processos de produção, criação e distribuição apoiados na lógica capitalista, onde cada vez mais se valoriza, como num movimento de inclusão, os agentes antes marginalizados dos olhares especulativos e científicos. Estas breves incursões sobre o bordado no contexto trabalhado são traços que evidenciam a complexidade de formas e expressões adquiridas pelo mercado global, necessitando assim de abordagens mais aprofundadas e atuais acerca da tradição, personificada neste estudo com o bordado, e sua incorporação nas relações de mercado global.

REFERÊNCIAS

- AMORA, Z. B. Indústria e espaço no Ceará. In: SILVA, J. B. da.; CAVALCANTE, T. C.; DANTAS, E. W. C. (et al) (orgs.). Ceará: um novo olhar **geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- HARVEY. David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1994.
- BRASIL. **Lei Complementar nº 123 de 14 de dezembro de 2006**. Publicada no Diário Oficial da União de 15 de dezembro de 2006.
- MASCÊNE, Durcelice Cândida. **Termo de referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato**. SEBRAE, 2010. Acesso em: 15 de janeiro de 2013. Disponível em: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/4762969DAC2E2FBC8325770E005416FC/\\$File/NT00043F22.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/4762969DAC2E2FBC8325770E005416FC/$File/NT00043F22.pdf)>.
- MATOS, Juliane Oliveira. **Os sentidos do trabalho: a experiência de trabalhadoras de Facções de costura da indústria de confecções no Ceará**. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. 2008.
- MATTOSO, Jorge (Org.). **A desordem do trabalho**. São Paulo: Atlas, 1996.
- MONTEIRO, Juliana; FERREIRA, Luzia Gomes. **As roupas de crioula no século XIX e o traje de beca na contemporaneidade: Símbolos de identidade e memória**. Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. V. 07. N. 18, out./nov. de 2005 – Semestral ISSN 15183394. Disponível em: <<http://periodicos.ufrn.br/index.php/mneme/article/view/329/302>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

MUNIZ, Alessandra Maria Vieira; SILVA, José Borzacchiello da; COSTA, Maria Clélia Lustosa. **Reestruturação produtiva, trabalho e transformações no espaço metropolitano de Fortaleza**. B. Goiano. Geogr. Goiânia. V. 31. N. 1 p. 13-25, jan./jun. 2011.

SANTOS, Milton. SILVA, Maria Laura. **Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. – Livro vira-vira 1/ Milton Santos e Maria Laura Silveira. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2011.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SILVA, Emanuelle Kelly Ribeiro. **Quando a cultura entra na moda: a mercadologização do artesanato e suas repercussões no cotidiano de bordadeiras de Maranguape**. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/8080/ri/bitstream/123456789/1276/1/2009_Dis_EKRSILVA.pdf> Acesso em: 11 de Janeiro de 2013.